



## O CORPO EM EDIÇÃO: A CULTURA DO CONSUMO E AS INTERVENÇÕES ESTÉTICAS

**Felipe dos Santos Teixeira**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8061-1001>.

E-mail: [felipeteixeira.23@gmail.com](mailto:felipeteixeira.23@gmail.com).

**Resumo:** Com o crescente aumento no número de intervenções estéticas realizadas no Brasil, é possível notar que o corpo ganha um destaque cada vez maior na nossa sociedade. O consumismo está presente não só na busca desenfreada de aquisição de objetos e bens, mas também por meio do nosso próprio corpo, sendo possível alterá-lo conforme as novas tendências mostradas na mídia e nas redes sociais. Por meio das novas técnicas e tecnologias desenvolvidas pela biomedicina, modificar o corpo através de cirurgias se tornou uma prática cada vez mais comum. O presente artigo tem como objetivo analisar a influência e o papel da cultura do consumo, da mídia e das redes sociais na procura por edições corporais. Para isso, foram levantados dados sobre o número de cirurgias plásticas no Brasil e no mundo, e realizado um debate com autores que abordam questões sobre o corpo na história e na contemporaneidade. Conclui-se que a cultura consumista proveniente do capitalismo, além das redes sociais e das mídias de comunicação, possui uma forte influência sobre a procura de sujeitos por intervenções estéticas, banalizando essa prática e não estabelecendo conscientização sobre a necessidade, os riscos e as possibilidades de arrependimento.

**Palavras-chave:** Intervenção Estética. Corpo. Consumo. Cirurgia Plástica. Modificação Corporal.

### BODY IN EDITION: THE CONSUMER CULTURE AND THE AESTHETIC INTERVENTIONS

**Abstract:** With the growing increase in the number of aesthetic interventions performed in Brazil, it is evident that the body is gaining increasingly prominent status in our society. Consumerism is present not only in the unrestrained pursuit of acquiring objects and goods but also through our own bodies, which can be altered according to the new trends depicted in the media and on social networks. Through new techniques and technologies developed by biomedicine, modifying the body through surgeries has become an increasingly common practice. This article aims to analyze the influence and role of consumer culture, media, and social networks in the search for body modifications. To achieve this, data on the number of plastic surgeries in Brazil

and worldwide were collected, and a discussion was conducted with authors addressing issues related to the body throughout history and in contemporary times. It is concluded that the consumerist culture stemming from capitalism, in addition to social networks and communication media, exerts a strong influence on individuals seeking aesthetic interventions, trivializing this practice and not fostering awareness of the necessity, risks, and possibilities of regret.

**Keywords:** Aesthetic Intervention. Body. Consumption. Plastic Surgery. Body Modification

## Introdução

As modificações e marcações corporais são práticas que permearam a história das sociedades, cada qual com suas representações e objetivos distintos. Desde marcações na epiderme, seja de finalidade estética, cultural ou religiosa, até alterações de determinadas partes do corpo, como o alongamento e deformações de membros ou o uso de joias e acessórios que modificam a estrutura corporal, as modificações corporais possuem diferentes funções em cada sociedade e cultura (LE BRETON, 2007). Na contemporaneidade, com o avanço das tecnologias e das técnicas que permitem a realização de alterações corporais cada vez mais complexas, surgiram novas possibilidades para aqueles que buscam a edição corporal com a finalidade unicamente estética.

Nesse contexto, a busca por intervenções estéticas está em uma crescente em nossa sociedade, na qual o corpo ganha cada vez mais destaque. Se outrora a realização de tatuagens e piercings eram consideradas a principal forma de alterar o corpo em busca de melhorar a autoestima, se diferenciar das outras pessoas ou representar na pele a identificação com um determinado grupo (LE BRETON, 2004), atualmente, as cirurgias estéticas se popularizaram, tornando-se mais acessíveis e uma nova opção procurada por aqueles que desejam uma modificação em si.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas (SBPCP), estima-se que, no ano de 2023, serão realizadas cerca de 2 milhões de procedimentos estéticos no Brasil. Entre as cirurgias mais procuradas, estão as de lipoaspiração e as próteses mamárias (SBPC, 2023). Ao comparar esse dado com os de outros países, em números gerais, no ano de 2022, segundo o *ranking* realizado pela Sociedade Internacional de Cirurgias Plásticas (ISAPS), o Brasil aparece como o segundo país com maior número de procedimentos estéticos realizados no mundo, passando dos 3 milhões e ficando atrás apenas dos Estados Unidos da América (ISAPS, 2022). Porém, ao analisar esses dados, faz-se necessário uma diferenciação entre os procedimentos cirúrgicos e os procedimentos não cirúrgicos.

Em relação aos procedimentos cirúrgicos, o Brasil é o país com o maior número de intervenções realizadas no mundo, ultrapassando a marca de 2 milhões. Em um recorte dos últimos 5 anos, entre 2018 e 2022, o Brasil esteve na primeira colocação como o país com o maior número de intervenções cirúrgicas por três vezes: 2018, 2019 e 2022. Nos anos de 2020 e 2021, talvez por conta dos impactos diretos e indiretos da pandemia da Covid-19, o Brasil ficou na segunda posição, atrás dos Estados Unidos da América. Já para os procedimentos não cirúrgicos, o Brasil ficou na terceira colocação, atrás do Estados Unidos e Japão, nos anos de 2022, 2021 e 2019, na quarta no ano de 2020, acrescentando a Alemanha como terceira colocada, e em segundo no ano de 2018, período no qual não há registro dos dados referentes ao Japão (ISAPS, 2022, 2021, 2020, 2019, 2018).

O corpo é o principal eixo das relações do sujeito com o mundo e é através dele que o homem se apropria da substância de sua vida, possibilitando significações existenciais e compartilhamento de sistemas simbólicos com outros membros de sua comunidade (LE BRETON, 2007). Os estudos sobre o corpo nos permitem uma possibilidade de compreender a relação do sujeito com a sua própria existência e as suas relações com o outro e com a cultura. Desde a antiguidade, o corpo é percebido como um relevante objeto de estudo. Seja para filósofos, estudos psicológicos, sociológicos e antropológicos ou em textos literários, o corpo ganha um status único na relação do sujeito com o mundo pois é, ao mesmo tempo, um objeto privado e público que abrange, concomitantemente, saberes das diversas áreas das ciências humanas, sociais e naturais (JODELET, 1994).

Na contemporaneidade, o corpo tornou-se um local a ser editado, um bem a ser modificado de acordo com a necessidade de cada sujeito, possibilitando alterações de sua forma, cor e aparência. A sociedade o estabeleceu como um local de destaque, em que todos os holofotes se direcionam para ele. “Cada vez mais convocado, o corpo entrou em cena. Nosso enraizamento no mundo, lugar das emoções, instrumento de comunicação, o corpo fala e é falado” (NOVAES; DE VILHENA, 2018, p. 3). Em uma sociedade em que a cultura estimula o consumo desenfreado, além de criar a necessidade de individualização e performance (BAUMAN, 2007), faz-se necessário refletir sobre o que pode haver por trás desse aumento da busca por intervenções estéticas e os impactos psicossociais decorrentes das tentativas de atingir um ideal de corpo perfeito.

Este artigo, então, tem por objetivo trazer um debate a partir dos dados apresentados sobre o crescente número de cirurgias plásticas realizadas no Brasil e estabelecer um diálogo com autores que abordam temas relacionados ao corpo e a busca por modificações corporais. Para essa análise, é necessário compreender a influência do pensamento de René Descartes (2005) na proposição de separação entre corpo e alma e como esse conceito reflete na sociedade atual acerca da concepção do corpo passível de edição.

### A separação entre corpo e alma

Ao falar de corpo, é necessário entrar no longo debate existente entre a relação do corpo e da alma, objeto de estudos de diversos pensadores nas mais diferentes épocas da história. Na filosofia grega, por exemplo, Demócrito, Platão e Aristóteles consideravam o ser humano como uma unidade indivisível. Platão descreveu a alma como preexistente ao corpo e a ele sobrevivente; Aristóteles pensava que todo organismo é a síntese de matéria e forma; Demócrito, por sua vez, entendia o corpo como uma tenda para a alma (CASTRO; ANDRADE; MÜLLER, 2006).

Já na idade moderna, René Descartes teoriza sobre a separação entre mente e corpo, de forma que a mente era uma área a ser estudada pela religião e filosofia, enquanto o corpo, visto como uma máquina, era o objeto de estudo da medicina e da ciência (CASTRO; ANDRADE; MÜLLER, 2006). Pierre Bourdieu (2001) cita o movimento filosófico escolástico como um dos grandes influenciadores na ideia da separação entre corpo e alma, no qual a visão mentalista e dualista (corpo-mente, espírito-matéria) fortalece a perspectiva do corpo como exterioridade, distinguindo, por um lado, o homem, por outro, seu corpo.

É principalmente a partir de René Descartes (1596-1650) que o conceito de separação entre corpo e alma ganha força na sociedade europeia, permitindo novas experimentações e o desenvolvimento do que se entendia como medicina na época. Em sua sexta meditação, o filósofo, e matemático, afirma a não necessidade da existência do corpo para que a alma, ou alguma essência, exista:

E, embora talvez (ou, antes, certamente, como direi logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado, todavia, já que, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma,

pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele (2005, p. 118).

A influência do pensamento do filósofo sobre corpo-alma resultou na metáfora do “homem-máquina”, que tinha como objetivo decifrar o ser humano através da ciência, abrindo seu corpo, seu mecanismo, e observando as engrenagens que lhe movem e o fazem funcionar (SIBILIA, 2004). Le Breton (2003) aponta que a visão cartesiana do filósofo prolongou, historicamente, nas mais diversas áreas do saber, principalmente na área da biomedicina, a dissociação implícita do homem com seu corpo, corpo este despojado de valor próprio, no qual era desligada a inteligência do homem de sua carne, tornando o corpo apenas um invólucro mecânico da alma, que seria a verdadeira responsável pelos pensamentos e a essência do homem.

Entre os principais críticos do pensamento cartesiano de Descartes sobre a separação do corpo e alma, destaca-se Pierre Bourdieu (2001), que escreve, sem citá-lo diretamente, que: “esses filósofos cartesianos que, sentindo-se na impossibilidade de dar conta da eficácia exercida sobre o corpo, de lograr um conhecimento intelectual da ação corporal, veem-se forçados a atribuir a ação humana a uma intervenção divina” (p. 163).

Além de Bourdieu, o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1999), sob forte influência da fenomenologia de Husserl, tece críticas profundas sobre o pensamento de Descartes em seu livro *Fenomenologia da Percepção*, apresentando afirmações como “o corpo é nosso ancoradouro em um mundo” (p. 200) e “eu não estou diante do meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo” (p. 207-208). Merleau-Ponty demarca a existência a partir do corpo, descartando uma essência anterior, sendo assim, para o filósofo, a única possibilidade de existência da alma é considerando-a como indivisível ao corpo: “Portanto, o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma ideia clara” (p. 269).

Contudo, o conceito da separação entre corpo e alma reverbera até hoje em nossa sociedade. A possibilidade de modificar o corpo em busca de um aperfeiçoamento, aliado às técnicas e tecnologias de nosso tempo, permitem uma busca por melhorias e *upgrades*, assim como um computador obsoleto, uma máquina ou, até mesmo, um robô, sem que isso afete o que seria a nossa essência: a alma. Não se trata de comparar a máquina ao corpo humano, mas o corpo à máquina. Os *upgrades* buscados nesse corpo biológico o colocam numa posição em

que, caso não seja subordinado ou acoplado à máquina, ou que não apresente melhorias em sua estética e performance, ele nada é (LE BRETON, 2003).

Na mesma direção, Sibilia (2004) aponta uma certa aversão que o corpo “natural” passou a ter na sociedade, que, por conta da cultura ocidental capitalista que privilegia o consumo e incentiva a individualização dos sujeitos, estabeleceu o corpo em constante obsolescência. Surge, dessa forma, a necessidade de alterar o corpo.

Essas ânsias de superar as limitações do corpo material denotam uma certa repugnância pelo orgânico, uma espécie de aversão pela viscosidade do corpo biológico. Apesar da crescente preponderância da cultura do *fitness*, do *bodysm* e do *healthism* – ou, talvez, como mais um ingrediente dessa tendência – o corpo recebe uma grave acusação: é limitado e perecível, demasiadamente orgânico, e, portanto, fatalmente condenado à obsolescência (p. 207).

O pensamento filosófico de Descartes influenciou a sociedade ocidental na compreensão por uma essência fora do corpo, tornando-o apenas um objeto, uma casca, do que realmente seríamos enquanto sujeitos. Com isso, o homem estava separado do seu corpo; o seu estado “natural” é apenas um estado momentâneo, passível de modificação, e que, para lidar com as questões contemporâneas da sociedade, alterar sua aparência e sua performance se torna quase que uma necessidade (LE BRETON, 2003). Para tentar compreender o aumento da busca por alterações corporais na atualidade, é preciso também considerar o papel da cultura e da sociedade nesse processo.

### O corpo na era do consumo

Ao longo da história o corpo passou por diversas transformações sobre sua concepção social na perceptiva ocidental. Inicialmente foi, por muito tempo, um corpo sacralizado como um corpo religioso e cristão. Na idade média, esse corpo, influenciado pela Igreja Católica, passou a ser um local pecaminoso, culpado, perverso, que anseia por purificação; a salvação da alma prevalece aos desejos e prazeres carnis. No período Renascentista o corpo se afasta da concepção anterior de local pecaminoso e se torna objeto de estudo e de representações artísticas, trazendo uma visão mais funcional consigo. Durante a revolução industrial, esse corpo se torna fundamentalmente uma força de trabalho, uma possibilidade de gerar lucros para os donos das fábricas. Por fim, o corpo contemporâneo possui uma preocupação com a beleza,

com o prazer; nele, uma busca pelo hedonismo se faz um fator relevante (MAROUN; VIEIRA, 2008).

O corpo na atualidade é atravessado pela lógica capitalista ocidental dominante, na qual as propriedades corporais (como forma do corpo, altura, peso, postura, andar, conduta, tom de voz e a forma de falar) contribuem como capital para aumentar o seu valor e, conseqüentemente, possibilitar a obtenção de lucros sociais (LIMA, 2013). Nessa perspectiva, Bourdieu afirma que, “com efeito, a garantia que dá a certeza de seu próprio valor e, em particular, do valor de seu próprio corpo ou de sua própria linguagem, é intimamente associada à posição ocupada no espaço social” (2007a, p. 194). A partir desse capital corporal, o corpo fica submetido ao capitalismo, visando o lucro e ganhos sociais através de sua imagem e desempenho. Portanto, faz-se necessário um investimento crescente nesse corpo (MEDEIROS, 2011).

O corpo é o local de encontro entre indivíduo e sociedade, logo, está diretamente ligado ao processo de socialização, cujo produto é a própria individuação forjada nas e pelas relações sociais, sendo o corpo, dessa forma, um portador de *habitus* (BOURDIEU, 2001), conceito esse definido pelo próprio autor como um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (2007b, p. 191). Em outras palavras, esse corpo se torna um portador de *habitus* quando ele é moldado a partir de condições materiais e culturais, numa relação dialética, até se tornar um corpo social. Nesse ponto, a própria individualização faz parte da socialização, portanto, o *habitus*, engloba o individual e o coletivo (MEDEIROS, 2011).

Jean Baudrillard (1995), em seu livro *Sociedade do Consumo*, aponta como o modelo consumista das sociedades ocidentais capitalista difundiu uma cultura, ou como o autor cita, ditadura, do bem-estar, responsável por promover percepções de que tanto a felicidade quanto esse “bem-estar” são mensuráveis e podem ser conquistados, ou adquiridos, por aqueles que se esforcem o suficiente, dentro da lógica capitalista. Numa sociedade em que o corpo urge por um ideal de conservação do belo para manter-se competitivo, são geradas, conseqüentemente, obsessões estéticas e de desempenho, cria-se um culto ao corpo: “o culto ao corpo já não se encontra em contradição com o da alma: sucede-lhe e herda sua função ideológica” (op. cit., p. 144). O corpo, então, inserido nessa sociedade capitalista que privilegia o consumo, logo se

torna o local e o meio para atingir esses ideais construídos pela mídia e pela cultura do consumo (MAROUN; VIEIRA, 2008).

É através do corpo que se dá o contato com o mundo. Com o aumento significativo e constante da importância do corpo na contemporaneidade, as luzes dos holofotes da mídia e dos meios de comunicação são direcionadas a ele, tornando-o, cada vez mais, um local de destaque e, conseqüentemente, gerando necessidades de exposição nunca antes vistos. O corpo se tornou um bem de consumo, um patrimônio passível de uma gestão tal qual um imóvel, um carro, ou uma propriedade, sendo administrado de acordo com os interesses do sujeito e de seus pensamentos sobre estética. Ao produzir sentidos através de suas vivências, o homem é inserido de forma ativa em espaços sociais e culturais (LE BRETON, 2003, 2007). Desse modo, para qualquer análise sobre o sujeito, é necessário pensar no contexto social e histórico no qual ele se encontra, como afirmam Maroun e Vieira: “quando falamos em corpo, não podemos pensá-lo isoladamente. Torna-se fundamentalmente importante abordarmos o contexto no qual esse corpo está inserido” (2008, p. 175).

As possibilidades dadas a esse corpo numa sociedade atravessada pelo consumo aumentam ainda mais quando se pensa nele como mercadoria suscetível a transformações, como aponta Medeiros (2011), que conclui, a partir do conceito de *habitus* de Bourdieu, sobre o corpo como produto e produtor social do meio que está inserido sendo, portanto, influenciador e influenciado pelo meio:

O corpo, nas reflexões de Pierre Bourdieu [...], é um produto social desde as dimensões de sua conformação visível, que tem a ver com os hábitos de consumo, gostos, ou seja, *habitus*, derivados de condições sociais, até nas formas de se portar e de se comportar, em que se expressa toda a relação com o mundo social (MEDEIROS, 2011, p. 293).

Bauman (2007) acrescenta que esse corpo possui um próprio fim, e o bem-estar é a busca de todo e qualquer sentido existencial dentro dessa lógica do consumo. O corpo, então, passa a ter cada vez mais investimentos por parte da indústria, que cria novas possibilidades e tendências de consumo no corpo e para o corpo.

O que você coloca no seu corpo é uma forma reconhecidamente mais conveniente e confortável de se manter em dia com esta nossa época de alta velocidade do que aquilo que você faz com ele. As roupas que você veste (e certamente tira e joga fora logo em seguida) podem, com efeito, seguir/deslocar/substituir umas às outras a uma velocidade e uma frequência desconcertantes e inatingíveis, por exemplo, por implantes nos seios, lipoaspiração, cirurgia plástica ou mesmo um passeio por todo o

espectro dos produtos para tingir o cabelo. Para usar plenamente o seu potencial, você precisa de uma grande quantidade de informações constantemente atualizadas e de antenas permanentemente ligadas à conta bancária e aos cartões de crédito (op. cit., 2007, p. 113).

Além do corpo ter se tornado um local de performance e de bem-estar dentro da cultura do consumo, ele também necessita se apresentar e transmitir uma imagem de beleza. A sociedade, como aponta Guy Debord (2003), se tornou uma imensidão de acúmulos de espetáculos, em que o próprio espetáculo é, ao mesmo tempo, parte da sociedade e a própria sociedade. As imagens, segundo o autor, desempenham um importante papel nessa sociedade em que as relações sociais são mediatizadas através delas, de forma que “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (p. 17), compreendendo, assim, o espetáculo como, simultaneamente, o projeto e o resultado do modelo de produção existente. A afirmação da aparência é necessária no capitalismo, e, como Bauman (2007) pontua, vivemos numa era de consumo em que o corpo desponta como um local a ser usado e modificado para acompanhar a liquidez e as necessidades de consumo da cultura no qual se está inserido. O corpo em destaque, como espetáculo, se tornou um capital social pelo qual, ao se expor, o indivíduo espera obter lucros através de sua própria imagem apresentada (BOURDIEU, 2001).

O que importa na era do consumo é, justamente, consumir. Criar a necessidade de comprar ou de se modificar para adequar-se a um determinado modo de ser e agir é o objetivo principal nesse modelo. Não importa tanto a finalidade ou a razão do consumo, mas, muitas vezes, o status que se atinge ao obter determinado produto (MAROUN; VIEIRA, 2008). Nesse contexto, as modificações corporais são um objeto de consumo; alterar o corpo por meio de exercícios físicos ou a realização de tatuagens e piercings não parece dar conta dessa necessidade, criando uma busca cada vez maior pelas intervenções estéticas:

Um novo imaginário luxuriante invade a sociedade, e nenhuma esfera das relações sociais sai ileso das reivindicações que se desenvolvem com relação à condição corporal. Passa a existir o distanciamento do próprio corpo e dos próprios desejos rumo a uma busca insaciável cuja imagem corporal e cujo desejo são impostos compulsivamente por interesses financeiros. Quando o real do próprio corpo se faz visível, este parece ser desconsiderado, precisando ser transformado pela plástica, lipoaspiração, tatuagem, piercing, exercícios físicos vigorosos, remédios e anabolizantes, para que o indivíduo forje uma relação de reapropriação de si e de seu corpo, ainda que o faça segundo o modelo da propriedade de bens, modelo tragicamente incompatível com qualquer intimidade. Temos, então, a clássica anedota: “Este seio é mesmo seu?” “Claro que sim, eu o comprei.” (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 173-174).

O corpo fica evidenciado como uma mercadoria; o culto ao corpo converge com o culto ao consumo e com o culto da beleza e da performance. Desse modo, tornou-se um tipo de compra, um objeto adquirível e admirável. Ter um corpo bonito, jovem e atraente virou uma questão de sobrevivência (MAROUN; VIEIRA, 2008). E para mostrar os resultados provenientes do consumo, faz-se necessário a ultra exposição daquilo que se é, ou do que deseja parecer ser, como afirma Sibilia (2018):

É preciso exibir tudo o que se é; ou, mais exatamente, fazer uma sorte de curadoria permanente daquilo que se está ou se deseja parecer, clamando sempre pela imprescindível aprovação alheia, pois essa será a instância capaz de conceder valor – e até mesmo estatuto de verdade – ao que se expõe (p. 222).

Não basta somente editar momentos e fotos em redes sociais a fim de tentar mostrar um corpo perfeito, a exposição social requer uma edição minuciosa do corpo em sua própria forma e aparências para além da internet. Conseqüentemente, um mercado extremamente lucrativo de modificações corporais cresce e se estabelece, vendendo a possibilidade dessa tal perfeição através de diversas empresas e especialistas que divulgam seus serviços de alteração do corpo livremente, como aponta Bauman (2008). A propaganda possui um papel fundamental para que se crie uma necessidade de consumo pelos potenciais consumidores:

Uma das manifestações da atual atração dos "nascimentos em série" - da vida como uma infundável sequência de "novos começos" - é a expansão surpreendente e amplamente observada da cirurgia cosmética. Não faz muito tempo, ela vegetava à margem da profissão médica como uma casa de concertos de último recurso para os poucos homens e mulheres que tinham sido cruelmente desfigurados por uma estranha combinação de genes, por queimaduras incuráveis ou por cicatrizes que não desapareciam. Agora, para aqueles que podem pagar, transformou-se em instrumento de rotina da perpétua reconstrução do eu visível. Perpétua mesmo: a criação de uma imagem "nova e aperfeiçoada" não é mais vista como algo a acontecer uma única vez; o significado mutável de "aperfeiçoamento", e, portanto, a necessidade (e, é evidente, a disponibilidade) de novas rodadas de cirurgia para eliminar os vestígios das anteriores, está embutido na ideia como uma de suas maiores atrações [...]. A cirurgia plástica não é para remover uma cicatriz ou alcançar uma forma ideal negada pela natureza ou pelo destino, mas para ficar em dia com padrões que mudam com rapidez, manter o próprio valor de mercado e descartar uma imagem que perdeu sua utilidade ou seu charme, de modo que uma nova imagem pública seja colocada em seu lugar - num pacote que inclui (espera-se) uma nova identidade e (com certeza) um novo começo (op. cit., p.130).

As intervenções estéticas são noticiadas frequentemente nos meios de comunicação, seja por sites explicando acerca de uma, ou mais, intervenção que estão em alta ou devido a alguma pessoa com relevância midiática que tenha realizado algum procedimento dessa natureza. Uma

das intervenções que recentemente ganhou destaque na mídia e passou a ser procurada por milhares de pessoas é o da harmonização facial. Entre 2014 e 2019, o número de procedimentos de harmonização facial subiu de 72 mil para 256 mil de acordo com SBCP, sendo esta a intervenção estética não cirúrgica mais procurada no Brasil (G1, 2023).

Um outro site especializado em notícias sobre pessoas consideradas famosas (REDAÇÃO NT, 2021) publicou uma matéria sobre as personalidades que se submeteram à intervenção de harmonização facial e foram criticadas nas redes sociais pelo resultado obtido. Algumas dessas personalidades, inclusive, declararam abertamente seu arrependimento com os resultados alcançados por meio do procedimento. Dentre as críticas feitas por usuários das redes sociais, uma chama a atenção ao afirmar que o procedimento deixaria “todo mundo igual”. O comentário não é o único nesse sentido; é possível encontrar diversos outros que afirmam que o procedimento da harmonização facial deixa, aqueles que se submetem, parecidos. O que se assemelha com o que Bauman (2007) afirma quando diz que em uma sociedade na qual os indivíduos, ao tentarem se individualizar e se diferenciarem entre si, acabam por se tornarem semelhantes uns aos outros, justamente por seguirem as mesmas estratégias e símbolos comuns que os atravessam.

Madureira *et al.* (2018) citam a insatisfação pessoal como um motor de consumo que é impulsionado pela influência das redes sociais sobre a busca por um corpo perfeito, assim como a facilidade e a banalização da realização de intervenções estéticas, como elementos que contribuem diretamente para o aumento do número de cirurgias plásticas no Brasil. O papel das redes sociais é, sem dúvidas, extremamente relevante nesse anseio pela edição corporal, como apontam Rohden e Silva (2020) ao analisarem os debates e posts em um grupo de cirurgias plásticas em uma rede social. Foram analisadas discussões sobre a preferência com relação aos resultados das cirurgias estéticas realizadas. Para um determinado grupo, o resultado mais “natural”, aquele que não aparentasse que fosse atingido a partir de uma cirurgia plástica, era o objetivo, enquanto, para outro grupo, havia um desejo e objetivo de que fosse visivelmente perceptível a submissão à cirurgia.

Em artigo recente, publicado por Rohden (2023), o arrependimento é apresentado como uma questão, nos relatos analisados pela autora, entre mulheres que realizaram uma cirurgia plástica íntima de ninfoplastia (redução dos pequenos lábios vaginais). Os relatos apontam a problematização da necessidade e do desejo da realização da cirurgia por parte das mulheres

que se submeteram ao processo: “Frases como ‘antes estava ótimo’, ‘eu fui muito exigente’, ‘não tinha necessidade de operar’ ou mesmo afirmações diretas acerca das ‘pressões’ ou ‘exigências’ da sociedade em relação ao corpo feminino vêm à tona” (p. 16).

Madureira *et al.*, (2018) citam ainda os discursos midiáticos e biomédicos como fortes influenciadores no culto à aparência, impondo padrões e ideais de beleza e de corpo, criando uma cultura da imagem, em que o sujeito passa a ter um maior valor pelo o que aparente ser ao invés do que se é. Uma insatisfação existencial, consigo e com o próprio corpo, é cultivada intencionalmente pela indústria, pela mídia, pelas redes sociais, pela cultura como um todo, de forma a criar novos produtos e novas necessidades de consumo, convertendo a insatisfação em lucro:

A insatisfação individual se torna um motor de consumo, na medida em que é a própria insatisfação que se transforma em incentivo para converter o indivíduo naquele que compra desenfreadamente cada novo produto ou procedimento lançado no mercado em busca da promessa de plenitude e felicidade (op. cit., p. 113).

### Considerações finais

Ao considerar a projeção da SBCP de um aumento no número de cirurgias plásticas realizadas no Brasil para o ano de 2023, são necessárias reflexões sobre o que esse dado representa na relação dos sujeitos com os seus próprios corpos e os impactos psicossociais desse crescente aumento na busca por intervenções estéticas em nossa sociedade.

Com os avanços das técnicas e tecnologias, associadas à prática das edições corporais, há um aumento das possibilidades que sujeitos possuem à disposição para a produção de si enquanto uma obra inacabada, em busca por *upgrades* que permitam alcançar o ideal utópico de um corpo perfeito (SIBILIA, 2004). Aparentemente, caminhamos em direção de um retorno radical da ideia da separação do corpo e da alma, de forma em que a cultura contemporânea do consumo privilegia e beneficia, através dos mais diversos ganhos sociais, aqueles que modificam seus corpos de acordo com o que se está em alta no momento, sendo a essência do sujeito inalterada e completamente separada de seu corpo. Como aponta Le Breton (2003), o corpo, mais do que nunca, é somente um invólucro da alma e o objetivo parece ser exatamente esse: combater o corpo e dissociar os indivíduos de sua carne.

A cultura do consumo possibilitou o consumo desenfreado não só por meio de aquisição de bens e produtos, mas também permitiu a implementação do consumo em nós mesmos. Em

uma sociedade em que tudo é exposto e exibido, produz-se uma necessidade de apresentar o corpo constantemente em seu auge de performance e de beleza, e, para isso, a indústria não poupa esforços para criar mecanismos que estimulem a necessidade dos indivíduos em consumir. De acordo com Bauman (2008), os mercados de consumo são muito bem-sucedidos ao criar e se aproveitar do medo das pessoas de não estarem adequadas, seja por não ter determinado objeto ou por não possuir o corpo desejado.

Não é o objetivo aqui estabelecer um juízo de valor sobre a realização, ou a não realização, de uma intervenção estética, afinal, elas possuem o seu valor ao possibilitar uma melhora na autoestima daqueles que se submetem aos seus processos, sejam cirúrgicos ou não. Porém, o esforço em divulgar e propagar as novas cirurgias e intervenções do mercado é muito superior ao de conscientizar e alertar sobre os riscos e a possibilidade do arrependimento decorrentes desse processo.

Dessa forma, é necessária uma análise crítica acerca da banalização dessa prática e considerar, também, os impactos que as propagandas que ocorrem dentro de redes sociais e nas vinculações de reportagens, inclusive de posts patrocinados por clínicas especializadas, em alguns dos grandes veículos de mídia no Brasil, possuem nesse processo. Com isso, talvez seja possível pensar em estratégias de conscientização sobre os riscos, desejo e necessidade na busca crescente por intervenções estéticas.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **Medicações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007a.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007b.
- CASTRO, Maria da Graça de; ANDRADE, Tânia M. Ramos; MULLER, Marisa C. Conceito mente e corpo através da história. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 39- 43, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/SbNh8XMXRgHQRthYPfDRmnJ/?lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2023
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

G1. Harmonização facial: entenda como funciona o procedimento e saiba quais são os cuidados necessários. **G1**, 28 jan. 2023. Saúde. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/01/28/harmonizacao-facial-entenda-como-funciona-o-procedimento-e-saiba-quais-sao-os-cuidados-necessarios.ghtml>. Acesso em: 3 set. 2023.

JODELET, Denise. Le corps, la persone et autrui. In: MOSCOVICI, Serge (Org.). **Psychologie sociale dès relations à autrui**. Paris: Nathan, 1994. p. 41-68.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. São Paulo: Papyrus Editora, 2003.

LE BRETON, David. **Sinais de Identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosotis, 2004.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, Marisa Mello de. Do corpo sob o olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo. In: SEMINÁRIO NACIONAL CORPO E CULTURA, 4., 2013, Goiás. **Anais eletrônicos...** Goiás: UFG, 2013. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/4sncc/2013/paper/viewFile/5746/2971>. Acesso em: 1 set. 2023.

MAROUN, Kalya; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1677-11682008000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-11682008000200011). Acesso em: 10 set. 2023

MADUREIRA, Bruna de Sousa; ROSA, Carlos Mendes; VIANA, Mônica Vandelei; MENDES, Nelía; GUEDES, Viviane Giroto. Em nome do corpo ideal: as tiranias da estética. In: NOVAES, Joana de Vilhena; DE VILHENA, Junia (Org.). **O corpo que nos possui**. Corporeidade e suas conexões. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. p. 83- 96.

MEDEIROS, Cristina Carla Cardoso. Habitus e Corpo Social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 281-300, mar. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/13430>. Acesso em: 20 set. 2023.

NOVAES, Joana de Vilhena; DE VILHENA, Junia. **O corpo que nos possui: corporeidade e suas conexões**. Curitiba: Appris Editora, Livraria Eireli-ME, 2018.

REDAÇÃO NT. Famosos que foram criticados por resultados de harmonização facial. **UOL**, 16 maio 2021. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/2021/05/16/famosos-que-foram-criticados-por-resultados-de-harmonizacao-facial-164022.php>. Acesso em: 4 set. 2023.

ROHDEN, Fabíola. O dispositivo “antes e depois” nas cirurgias estéticas íntimas: novas formas de materialização das normas de gênero. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/SK6fHrh3DB4XnS8XwB6gMHn/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2023.

ROHDEN, Fabíola; SILVA, Jéssica Brandt da. “Se não for pra causar nem quero”: a visibilidade das transformações corporais e a produção de feminilidades por meio das cirurgias plásticas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 59, p. 1-27, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/r9QbhYYHbycwXRRGMyBcCnH/?lang=pt>. Acesso em: 5 out. 2023

ISAPS. International Society of Aesthetic Plastic Surgery. ISAPS International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures performed in 2018. ISAPS, 2018. Disponível em: <https://www.isaps.org/media/wifiy3oo/isaps-global-survey-results-2018-1.pdf>. 2018. Acesso em: 3 set. 2023.

ISAPS. International Society of Aesthetic Plastic Surgery. ISAPS International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures performed in 2019. ISAPS, 2019. Disponível em: <https://www.isaps.org/media/pubgf4jc/global-survey-full-report-2019-english.pdf>. 2019. Acesso em: 3 set. 2023.

ISAPS. International Society of Aesthetic Plastic Surgery. ISAPS International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures performed in 2020. ISAPS, 2020. Disponível em: [https://www.isaps.org/media/evbbfapi/isaps-global-survey\\_2020.pdf](https://www.isaps.org/media/evbbfapi/isaps-global-survey_2020.pdf). 2020. Acesso em: 3 set. 2023.

ISAPS. International Society of Aesthetic Plastic Surgery. ISAPS International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures performed in 2021. ISAPS, 2021. Disponível em: [https://www.isaps.org/media/vdpdanke/isaps-global-survey\\_2021.pdf](https://www.isaps.org/media/vdpdanke/isaps-global-survey_2021.pdf). 2021. Acesso em: 3 set. 2023.

ISAPS. International Society of Aesthetic Plastic Surgery. ISAPS International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures performed in 2022. ISAPS, 2022. Disponível em: [https://www.isaps.org/media/a0qfm4h3/isaps-global-survey\\_2022.pdf](https://www.isaps.org/media/a0qfm4h3/isaps-global-survey_2022.pdf). 2022. Acesso em: 3 set. 2023.

SBCP. Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Cirurgias Plásticas devem somar 2 milhões de procedimentos em 2023, aponta pesquisa. **SBCP**, 8 mar. 2023. Na mídia. Disponível em: <https://www.sbcsp.org.br/namidia/cirurgias-plasticas-devem-somar-2-milhoes-de-procedimentos-em-2023-apontapesquisa/>. Acesso em: 5 set. 2023.

SIBILIA, Paula. O corpo obsoleto e as tiranias do upgrade. **Verve**, São Paulo, n. 6, p. 199-226, fev. 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5011/3553>. Acesso em: 9 set. 2023.

SIBILIA, Paula. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Fronteiras**, São Leopoldo, v. 17, n. 3, p. 353-364, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09/4984>. Acesso em: 15 set. 2023.

---

**Recebido em:** 18/12/2023.

**Aceito em:** 01/02/2024.